

MEMÓRIA

Sempre as mesmas desculpas

Os torturadores brasileiros fazem pouca força para disfarçar seus crimes, talvez pela certeza da impunidade. Os diretores das unidades da Febem paulista, por exemplo, usam sempre a mesma desculpa para justificar a presença de instrumentos de tortura. Em abril de 2001, o relator especial das Nações Unidas (ONU), Nigel Rodley, encontrou paus, porretes e canos escondidos na unidade de Franco da Rocha. Os internos denunciavam o uso dos aparelhos para aplicar castigos. O pedido de um copo d'água fora de hora ou a recusa em jantar eram suficientes, segundo depoimento dos meninos, para receber o "corretivo".

Na época, os diretores se apressaram em acusar funcionários revoltados de "plantar" os instrumentos de tortura na unidade afim de incriminar a administração. O inglês Nigel Rodley considerou a justificativa tão absurda que sequer a incluiu no relatório apresentado à ONU. O documento acusava delegacias e presídios de usar a tortura como método de trabalho.

Ontem, a direção da unidade de Febem de Parqueiros resolveu repetir a desculpa dos colegas de Franco da Rocha. Acusaram funcionários mal-intencionados de esconder os instrumentos de tortura dentro da mesa na sala dos coordenadores da unidade. O Ministério Público que encontrou o material descartou a justificativa.

Desde 1989 o Brasil é signatário da Convenção Contra a Tortura e Outros Tratamentos ou Punições Cruéis. Mas o país só tipificou o uso da força por agentes do Estado como crime oito anos mais tarde. Os registros de condenações por tortura no Brasil, entretanto, continuam raros. (MO)